

ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA: DIFERENTES ATRIBUIÇÕES DE VALORES¹

Alcyane Marinho
Mestranda do DEL/FEF/UNICAMP

RESUMO

Atualmente tem sido bastante comum nos depararmos com jornais, revistas e *outdoors* que “nos convidam” à aventura durante os momentos de lazer, sejam elas em cavernas, cachoeiras, trilhas ou qualquer outro cenário próprio da natureza. Estes anúncios seduzem muitos olhares e instigam à tentativa, afinal de contas são sensações e emoções, diferentes das cotidianas, que estão sendo oferecidas. A escalada tem sido incluída entre estas atividades e foi aqui eleita para a discussão. Tendo como eixo norteador o discurso de alguns escaladores, este texto pretende tratar dos valores atribuídos na relação estabelecida entre os escaladores, a natureza e o equipamento tecnológico que contribui para a realização da atividade. Ao tentarmos compreender esta relação talvez possamos desvendar o significado dessa prática que, ao longo dos anos, tem recebido tantos adeptos.

“O que leva alguém a escalar montanhas é algo que a maioria dos que não fazem parte do mundo dos montanhistas tem muita dificuldade para entender - se é que entende. O tema se presta às mil maravilhas para filmes ruins e metáforas banais. Sonhar que se escala um pico altíssimo e escarpado é um prato feito para a interpretação dos psicanalistas. A atividade costuma vir associada a histórias de audácia e tragédia que tornam os outros esportes, por comparação, verdadeiros jogos de criança; quando falamos em montanhismo, a impressão que isso causa na imaginação do público não é muito diferente de quando ele ouve falar em tubarões ou abelhas assassinas”. (Krakauer, 1999:9)

Podemos nos deparar com uma diversidade de atividades praticadas no meio natural, tais como: *canyoning*, escalada, *rafting*, *skysurf*, *trekking*, *hidrospeed*, entre várias outras. Novos esportes; esportes de aventura; esportes tecnoecológicos; esportes em liberdade; esportes californianos e esportes selvagens: são algumas das denominações que estas atividades têm recebido.

Há alguns aspectos em comum entre estas variadas atividades de aventura na natureza. Elas se diferem dos esportes tradicionais, pois as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento são outros e, além disso, há também a presença de inovadores equipamentos tecnológicos que permitem uma fluidez entre o praticante, a natureza e seus elementos.

O envolvimento cada vez maior na participação destas atividades desperta o interesse de empresários, que vêem nelas uma excelente oportunidade de negócios. Tanto os donos de lojas de artigos esportivos quanto os donos de empresas de aventuras descobrem um amplo campo de exploração: vendem roupas e calçados coloridos e chamativos, equipamentos dos mais simples aos mais sofisticados, mapas, guias, livros, vendem até a emoção, o risco e o prazer, tudo em um “pacote” único de aventura.

¹ Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado que está, ainda, em andamento. As reflexões aqui apresentadas têm como base, especificamente, o Grupo de Escalada Esportiva da Unicamp (GEEU). Neste estudo são apontados os discursos de alguns escaladores (integrantes do referido grupo), os quais foram obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas.

Neste sentido, uma reportagem da Revista *Veja* (1991) aponta, por meio de uma pesquisa realizada com consumidores de vários tipos de produtos relacionados aos esportes, que grande parte do interesse dos novos adeptos destas atividades é só aparente: “*as pessoas praticam esportes mentalmente, antes de praticá-lo de verdade. Compram todos os apetrechos, lêem livros, se informam, mas na hora de praticar o esporte geralmente desistem*”. Muitos destes adeptos são fruto daquele “pacote” único de aventura.

Desta forma, compartilho com Vanreusel² que é impressionante notar como o valor da satisfação encontrada nas atividades *outdoor* está se tornando cada vez mais externalizado. A busca “introvertida” por estas atividades parece estar caminhando para um outro plano, no qual os tipos de satisfação são visivelmente “extrovertidos”. Equipamentos modernos, revistas especializadas, a admiração do público pelas façanhas perigosas e a exploração deste tema de aventura em propagandas, em geral, indicam como as atividades esportivas *outdoor* “*estão cada vez mais sendo experimentadas como uma forma de ‘show’ externo*”. A repercussão de todo este espetáculo também tem despertado a preocupação de instituições e organizações em alertar o impacto causado na natureza. Estas instâncias têm demonstrado alternativas de controle e de minimização dos impactos, tendo em vista que, além do impacto causado pela própria atividade em contato com a natureza e seus elementos, há também toda uma estrutura que é planejada para oportunizar a prática como, por exemplo, a construção de campings, pousadas e até mesmo barzinhos e mercearias. E, ainda, em maior escala, Vanreusel³ aponta que estabelecimentos, já existentes nos locais, preparam-se para alugar tanto os equipamentos esportivos necessários para a prática do esporte quanto as acomodações durante a permanência na região; da mesma forma que hotéis, restaurantes e cafés, nas redondezas das áreas naturais, mostram igualmente pouca preocupação com os aspectos ecológicos em seu comportamento comercial diário.

Diante deste quadro é importante ressaltar que há, também, um outro grupo que merece igual destaque: aqueles praticantes que se preocupam com o meio ambiente (ou que, no mínimo, reconhecem os danos provocados por suas ações), tratando-o não como um território a ser explorado, mas como um parceiro. Agora que os participantes de atividades *outdoor* vêm se apresentando mais explicitamente como amantes da natureza, não basta rotulá-los de “ameaça ecológica”, há a necessidade de refletirmos sobre a transformação (generalizada) que tem ocorrido nos valores atribuídos às atividades de aventura por aqueles que as praticam.

Para tais reflexões, permaneço com as idéias de Vanreusel para destacar que não é apenas o número e a diversidade de entusiastas de esportes ao ar livre que têm aumentado. Os valores atribuídos por estes indivíduos a vários aspectos das atividades *outdoor* também têm se modificado. Este autor coloca que a apreciação por estas atividades evidenciam níveis de variação em três conceitos básicos: valores ecológicos - o foco principal é a qualidade do ambiente natural no qual o indivíduo procura por seu esporte; valores tecnológicos - grande importância para os equipamentos, estilos, técnicas e formas de esportes *outdoor*; e valores de prazer pessoal - centram-se no indivíduo, relacionando-se ao divertimento e à satisfação. Estes valores têm uma tendência de surgir em combinação. Acrescento que a manifestação maior de um ou de outro dependerá do nível de envolvimento dos indivíduos para com a atividade. Tratarei daqueles que, a meu ver, parecem estar manifestando estes três valores de maneira conciliadora e harmônica.

Do estar *na natureza* e *na companhia* de outras pessoas, passou-se a estar *com a natureza* e *com os outros*. Há uma espécie de comunhão. A natureza deixa de ser vista como um objeto e passa a ser sentida como uma grande parceira. Nesta relação o “companheiro de aventura” e o aparato tecnológico têm um papel imprescindível.

Tratando primeiramente da tecnologia, cabe ressaltar que quando o homem domesticava animais e plantas, impondo-lhes normas, isto já recebia a designação de técnica. Segundo

² Vanreusel, 1995:277.

³ Ibidem.

Santos ⁴, a técnica é considerada como uma das mais importantes formas de relação entre o homem e a natureza. As técnicas representam um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais os seres humanos realizam sua vida, produzem e criam espaço ⁵.

Hoje, o fato de a tecnologia apresentar-se como facilitadora da prática dessas novas atividades, faz-nos refletir mais sobre o seu significado e importância. Especificamente quanto aos equipamentos utilizados para escalar, Henrique ⁶ esclarece que:

“Os equipamentos de forma geral começaram a ser desenvolvidos nos EUA e Europa, aliás só nos EUA e Europa. Principalmente depois da década de 50 foi que começou realmente a ter equipamentos confiáveis e se criar empresas e padrões de segurança para esses equipamentos. Muita coisa surgiu da interação dos escaladores com as pessoas que fabricavam. Inclusive várias marcas, aliás acho que a maioria das marcas e das lojas que fabricam essas coisas, são de escaladores e montanhistas”.

Novos equipamentos utilizados para escalar vão sendo criados para cada vez mais possibilitar uma maior segurança e um maior desempenho aos escaladores e, apesar de existirem já há algum tempo, os equipamentos mais antigos estão sempre sendo aperfeiçoados. Neste sentido Rafael ⁷ complementa:

“Os equipamentos em geral, hoje em dia, estão muito bons. Quando eu fiz o curso de escalada, o meu professor disse que há algum tempo atrás, os mosquetões eram de aço, muito pesados e os escaladores não usavam muita proteção porque não conseguiam levar o peso de todas aquelas coisas pra cima da montanha. As cordas também desenvolveram-se muito, elas absorvem bastante impacto hoje; antigamente as cordas eram um esticão só, então dava aquele baque, geralmente arrebentava o cinto do escalador, a cadeirinha ⁸. Os equipamentos estão ficando muito bons”.

No entanto, não basta possuir os equipamentos, há a necessidade de saber quando e como utilizá-los. Rafael continua:

“O escalador tem que estar sempre com o seu equipamento em dia, tem que sempre estar verificando. Eu faço isso. Tem que verificar as cordas, se você tomou uma queda muito grande, deve seguir as especificações de quantas quedas que pode dar a corda; estar sempre checando as costuras da cadeirinha... O escalador tem que deixar sempre o equipamento em dia, a responsabilidade é dele, exclusivamente dele”.

4 Santos, 1997:25.

5 Discuto melhor este assunto no artigo: “Natureza, tecnologia e esportes: novos rumos”. Conexões: Educação, Esporte, Lazer. Campinas, v.1, no. 2, junho de 1999.

6 Henrique de Mello Jorge Barbosa é membro e atual coordenador do GEEU.

7 Rafael Piccin é membro do GEEU.

8 Peça imprescindível na escalada. É constituída por fitas de alta resistência costuradas entre si; as mesmas envolvem as coxas e a cintura do escalador.

Os escaladores, portanto, acreditam e confiam nos equipamentos e no seu poder de segurança. Cordas, mosquetões⁹ e outros equipamentos funcionam como um prolongamento do escalador. Para que a escalada seja perfeita tudo tem que estar em perfeita sintonia e ajuste.

A escalada é parecida com um jogo. Há algumas regras preestabelecidas, mas há também aquelas que o escalador cria à medida que sobe, à medida que tenta descobrir uma agarra, por menor que seja, para ascender-se cada vez mais. Subidas sequenciais de diversas dificuldades aliadas aos diferentes tipos de rochas constituem parte do fascínio desse jogo. Há vários tipos de escalada¹⁰, mas especificamente no caso da escalada esportiva, que é a mais praticada pelos escaladores do grupo aqui em questão, executar o melhor movimento e com perfeição é a forma de se desvendar o mistério da via. Neste tipo de escalada há um alto grau de segurança¹¹, fazendo-nos pensar que o risco pode vir a ser mais aparente que real. Talvez possamos falar de um risco controlado, mas que, sem dúvida, não deixa de ser um risco e, sem a existência deste, conforme Donnelly¹², a escalada deixaria de ser escalada, pois: *“o risco é a essência, a especiaria que atrai os escaladores para o esporte, mantendo-os envolvidos...”*.

O risco induz a outros sentimentos, como o medo, por exemplo, e de acordo com Felipe¹³ esse sentimento tem algumas vertentes:

“A relação com o medo é estranha. A palavra medo é muito genérica porque ela demonstra muitas coisas. Uma delas é pânico. Pânico em pedra é terrível. Pânico é aquilo que você não consegue reagir racionalmente. Você age por instinto. Você pode agir contra o que você tem que fazer. Uma outra designação pra medo pode ser prudência. Você não vai pro lugar ou não faz tal via porque acha que ela seja desprotegida, alguma coisa assim, pode ser autopreservação, enfim. Na pedra todas essas coisas se afloram... Eu nunca tive muitos problemas com isso, com ter medo fazendo. Eu já tive prudência de não ir a alguns lugares. E essa prudência não é só de avaliação de risco, é prudência de avaliação pessoal”.

Os escaladores além de confiarem no equipamento e em sua experiência, confiam também naquele “companheiro de aventura”, naquele que lhe dá a segurança¹⁴. Esta confiança no outro representa um importante fator no que se refere à transformação nos valores atribuídos por alguns praticantes às atividades de aventura no ambiente natural, implicando em entregar-se ao outro. Este ato de entrega corresponde ao lado sensível que se tem manifestado na escalada e que tem relação direta com os valores de satisfação pessoal. Felipe aponta a necessidade da

9 Faz parte do equipamento básico de escalada. O mosquetão é um elo de metal (normalmente de alumínio) que possui um batente com mola possibilitando a conexão de cordas, outros mosquetões ou equipamentos.

10 De acordo com Tomas Griddi Papp, coordenador do Pró-Esportiva (Programa Brasileiro de Desenvolvimento da Escalada Esportiva) do Clube Alpino Paulista, existem nove tipos de escalada: escalada em livre; escalada esportiva; escalada de competição; escalada esportiva em estruturas artificiais; progressão artificial em rocha; big wall; escalada alpina; alta montanha e cascatas de gelo (Folha Esporte - Folha de São Paulo, 27 de dezembro de 1998).

11 Segurança esta que, no entanto, depende da experiência do escalador com os equipamentos e com a atividade. A segurança também está diretamente ligada ao determinado tipo de escalada que é realizado.

12 Donnelly, 1981 apud Williams & Donnelly, 1985:4.

13 Felipe Martins Catharino é membro e atual tesoureiro do GEEU.

14 Na escalada, enquanto um escalador progride (guia) na pedra, outro lhe dá segurança, passando a corda conectada à cadeirinha daquele que progride por meio de um aparelho que gera atrito e que está conectado à cadeirinha deste que faz a segurança. O segurador com o referido aparelho é responsável por dar a corda e travá-lo quando necessário, evitando uma possível queda.

existência deste sentimento: *“tem que haver uma boa comunicação que não pode ser simplesmente por palavras, tem que haver uma pré confiança...”*

Desta forma, na maioria das vezes os parceiros são amigos ou, no mínimo, colegas e entre eles deve haver sempre essa relação de confiança. Um pode salvar a vida do outro quando menos esperar, pois como um jogo, os papéis estão sempre se invertendo. Essa necessidade e desejo de estar junto com o outro integra uma dose de sensibilidade. O prazer de estar junto pode ser observado em múltiplas situações durante a escalada. Pode-se perceber uma mistura de afetos e de emoções comuns¹⁵ e a natureza, neste sentido, acaba por representar um lugar que pode ser emocionalmente vivido com o outro, com o parceiro de escalada.

A natureza torna-se, então, ponto de encontro físico e sentimental representando, de alguma forma, um espaço que celebra certos tipos de mistérios. É a oportunidade de estar em relação com o meio natural que possibilita o reconhecimento do outro e de nós mesmos. O sensível vivido com a natureza e com os outros é consideravelmente relevante para a história humana, tendo em vista o vigente processo fragmentário, globalizante e, muitas vezes, efêmero, que impede a sensibilidade de se manifestar em nosso cotidiano.

Caminhando para uma possível conclusão, questiono o que estas atividades representam realmente para os seus praticantes. Será uma forma de fuga do cotidiano, da mesmice, dos problemas diários e dos turbulentos centros urbanos? Ou será que há algo mais por trás de todo esse repertório?

As razões ou as motivações que levam as pessoas a participar de atividades de aventura ao ar livre têm sido tema de pesquisas que vêm sendo realizadas já há algum tempo¹⁶.

É interessante apontar que, em uma pesquisa realizada por McIntyre (1991), foram identificados seis fatores como dimensões importantes na experiência de escalar em rocha: reconhecimento (relaciona-se às imagens externas do escalador); solução de problemas (diz respeito à tomada de decisões e uso da criatividade); local físico (ligado à estética da área de escalada); competência (relaciona-se ao desenvolvimento das habilidades, realização e excitação); fuga (relacionada ao alívio do estresse e ao desligamento dos problemas cotidianos) e liderança (ligada às noções de ajudar os outros e ter controle). Dentre estas dimensões colocadas, McIntyre conclui que a questão principal por ele colocada em sua pesquisa: *“Por que as pessoas praticam escalada em rocha?”* pode ser respondida, principalmente, devido à atração de se estar em um ambiente natural e de poder experimentar situações que permitem exercitar as habilidades tanto físicas quanto mentais, resultando em sentimentos de realização e excitação.

Especificamente tratando do grupo de escaladores em questão, por um lado, a partir das palavras de Bannwart¹⁷, é possível notar que para alguns escaladores, os motivos que os levam a ir para a pedra, são movidos apenas pela vontade de se superar frente aos outros:

“O que leva uma pessoa a praticar um esporte notadamente incomum? Acho que emoções fortes, superação de limites, intimidade com a natureza, etc. Além disso, tem o componente da aptidão natural da pessoa, o isolamento e a meditação. Porém, existe nesse meio, uma motivação menos, como se poderia dizer, nobre: a vaidade. Muita gente escala não para curtir, mas para conquistar admiração dos outros, para provar algum tipo de supremacia. Isso infelizmente é muito comum, e pode ser observado facilmente. Como dizia um famoso pensador oriental

15 Nesta mesma direção, Maffesoli (1994:59-70) aponta que esse tipo de sentimento pode ser vivido nas megalópoles contemporâneas por aqueles que fazem parte do que ele chama de “tribos”.

16 McIntyre, 1991.

17 Flávio de Campos Bannwart, mais conhecido como Ban Ban, é um dos membros mais antigos do GEEU. Ele foi uma das pessoas que ajudou na implantação do muro de escalada esportiva na Unicamp, por volta de 1991.

do qual não me lembro o nome, a beleza não esta' na realização final, mas no processo. Aliás, o processo não deixa de ser belo se a realização final não for cumprida. Mas a realização não cumprida e' menos sedutora para a propaganda".

Mas, por outro lado, há também aqueles que agem, pensam e sentem de uma outra forma, conforme aquela sensibilidade a qual eu me remeti anteriormente, podendo ser percebida nas palavras de Felipe ao comentar o que representa para ele o estar na pedra:

*"Na pedra, é uma questão de realização. Durante a semana toda eu fico pensando naquilo que eu vou fazer. Isso pode até ser um problema quando a gente começa a trabalhar porque novos objetivos são outros que não a tarefa. É de realização interior; eu vou pra pedra, mas eu não vou melhorar minha performance em escalada ou, embora me dê satisfação fazer tal via, é mais aquilo que eu gosto de fazer; é extremamente subjetivo. É engraçado, as pessoas perguntam: mas que prazer tem naquilo? Eu não sei explicar, até o esforço físico (sei lá, endorfina talvez), a interação com a natureza, conhecer lugares interessantes... A escalada pra mim era um complemento, hoje ela é quase um fim, porque tudo que eu faço, que eu estudo, que eu ajunto um dinheiro, é pra *escalar, pra fazer o que eu gosto. Eu acho que transcendeu um pouco o simples robby*".*

Esta prática em interação com os elementos naturais faz com que os escaladores tenham uma maior percepção da natureza. O estar a muitos metros do chão e a probabilidade da queda, por exemplo, aguçam ainda mais esta percepção. Mais que passar o tempo, mais que fugir dos problemas cotidianos, a escalada parece oportunizar um estado de sensações que somente praticando pode-se saber o que é. O integrar-se à natureza parece ter outra conotação, diferente daquela da competição, da exibição, algo como um ritual de passagem, no qual são vividos determinados sentimentos difíceis de explicar. Quando se chega ao fim da via ou no topo da pedra, tudo o que se quer é voltar novamente.

A possibilidade de vivência destas sensações talvez possam responder o porquê de tantas pessoas estarem se envolvendo com a escalada. De acordo com o Censo de Escalada e Montanhismo de 1998¹⁸ no Brasil, o aumento no número de praticantes destas atividades pode ser considerado um dos resultados mais importantes da pesquisa realizada. O crescimento na participação tornou-se significativo principalmente a partir de 1989 e, desde então, os adeptos não param de surgir. É previsto que, para o próximo ano, o crescimento seja ainda maior. No entanto, uma preocupação levantada em relação ao crescimento da escalada no Brasil diz respeito à falta de regulamentação do ensino da escalada, tendo em vista que a aprendizagem de grande parte dos escaladores tem ocorrido, principalmente, por intermédio de amigos, colocando em questionamento a qualidade do ensino. Estendo este questionamento um pouco mais, no que se refere aos aspectos da educação ambiental que também devem fazer parte do ensino deste e de outros tipos de atividade *outdoor* para que, desta forma, os valores ecológicos não sejam deixados de lado.

Não pretendo dar uma solução ou uma resposta definitiva para tantas dúvidas, mas somente apontar, tentando não ser simplista, que atualmente é impossível de se imaginar áreas verdes sozinhas, sem a presença de seres humanos. Acredito que a conservação destas áreas não implica na exclusão da presença humana e de suas práticas esportivas e recreativas, mas em

18 Informações sobre o Censo de Escalada e Montanhismo podem ser obtidas pelo site: www.braziloutdoor.com.br/censo98/result.htm

incluir os “grupos aventureiros” em projetos de preservação junto às organizações ambientais, no sentido de planejarem formas de minimização dos impactos causados na natureza. Há um caminho longo a ser percorrido mas, com maiores iniciativas, mais instrução e experiência, os praticantes de atividades *outdoor*, bem como os seus “patrocinadores” poderiam continuar a se aventurar entre o ar, a terra e a água.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JORNAL Folha de São Paulo - Esporte. 27 de dezembro de 1998.
- KRAKAUER, J. Sobre homens e montanhas. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. O poder dos espaços de celebração. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, janeiro/março, 1994, p.59-70.
- McINTYRE, N. Why do people rockclimb? Aust. J. Leisure & Recreation, v.1, n°.3, 1991, p.33-42.
- REVISTA Veja. n°.30, 24 de julho de 1991, p.62-64.
- SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. 4ª. ed., São Paulo: Hucitec, 1997.
- VANREUSEL, Bart. From Bambi to Rambo: Towards a socio-ecological approach to the pursuit of outdoor sports. In: WEISS, O. and SCHULZ, W. (eds.) Sport in Space and Time. Vienna: Vienna University Press, 1995.
- WILLIAMS, Trevor; DONNELLY, Peter. Subcultural production, reproduction and transformation in climbing. Inter. Rev. Soc. of Sport (20), 1985, p.3-15.

Alcyane Marinho
Avenida 4, 354 apto:64 Ed. Athenas
Rio Claro (SP) CEP: 13500-420
Tel.: (019) 5234372
E-mail: alcyane@linkway.com.br